

ALFÂNDEGA: DAS MESAS DE RENDA ÀS SALAS DE AULA DIAS, Luis Henrique Ferreira¹; COLLISCHONN, Erika²

¹Curso de Geografia – Bacharelado. l.henriquedias@yahoo.com; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Geografia. ecollischonn@gmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

Assim como a sociedade, a cidade não é um elemento estático. Esta se atualiza por meio da construção de novos espaços e em razão dos usos que são atribuídos aos lugares urbanos. No ambiente urbano esses lugares recebem uma profusa e concentrada dimensão de impactos advindos das ações humanas, as quais fixam na paisagem as estruturas arquitetônicas demandadas pela organização social.

De maneira que a cidade se vivifica mediante sua paisagem, cuja soma de elementos físicos e funcionais forma uma massa modelável e não pasteurizada que se constitui em objeto de mudança.

Essas metamorfoses, conforme (VERDUM, 2008 p. 03), “podem-se processar nos aspectos visíveis da paisagem (forma) e/ou em suas possibilidades de apropriação e uso sociais (função)”, condicionando assim um perpétuo movimento intrínseco à marcha urbano-social.

A forma física, engendrada em um determinado contexto social, bem pode abrigar outra estruturação da sociedade, pois é mais célere o ritmo das transformações econômico-culturais que o dos espaços construídos. De modo que na querela entre o antigo e o moderno das formas urbanas, muitas vezes pode estar ocultado o bradar de um uso novo que não clama necessariamente por uma forma nova.

Assim, propõe-se um ensaio acerca dessa dinâmica da paisagem urbana, a partir do exemplo de mutação funcional verificado no prédio da ex-Alfândega (Pelotas, RS).

Inaugurada na aurora do século passado, para abrigar as atividades relativas à tributação e receita federais dos municípios de Pelotas e região, essa centenária estrutura física, no irromper de um novo milênio, se apresenta investida em nova função, sediando atualmente uma das unidades de ensino da Universidade Federal de Pelotas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O presente estudo demandou visitas à edificação para retratar algumas imagens que possibilitassem, quando cotejadas com fotografias da Alfândega no passado, a composição de um conjunto imagético que permitisse a comparação visual entre os dois momentos históricos observados (e materializados) no prédio da antiga Alfândega.

Para tanto, nas incursões ao prédio, utilizou-se uma câmera digital 3.0. As fotografias históricas foram obtidas no site www.pelotasmemoria.com.br.

Isso feito procedeu-se a uma revisão bibliográfica que definiu como enquadramento teórico básico, para a condução dessa análise, as obras *Metamorfoses do Espaço Habitado* (SANTOS, 1991), *Paisagem, tempo e cultura* (CORRÊA & ROSENDAHL, 2004) e *Percepção da Paisagem* (VERDUM, 2008).

As visitas à edificação se deram no mês de abril do corrente ano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade é a um só tempo o receptáculo das obras e dos homens no qual os lugares se diferenciam mantendo em si a coesão do todo.

Este estudo examina algumas questões tipicamente urbanas e, portanto, pertinentes à geografia na medida em que aborda a sociedade, o espaço e, principalmente, as relações entre estes. E assim, de maneira sucinta, expõe o par dialético forma/função como produto e elaborador de contextos sociais em diferentes momentos históricos.

O objeto de estudo (a forma) é uma edificação erigida em 1907, à beira do Canal São Gonçalo, para acolher atividades de tributação (função original). Hoje em dia, aquelas paredes encerram as salas de aula e os demais recintos demandados pelo posto de unidade de ensino da Universidade Federal de Pelotas (função atual).

Os ambientes humanos (re) produzem as vicissitudes de um abrir e fechar de espaços temporais e de tempos espaciais; irmanados na dinâmica e diferenciados na permanência, mais célere no caso dos primeiros e pela maior fixação do chamado *trabalho morto*, no caso dos segundos.

O espaço do tempo se traduz na momentânea condição da espacialidade e o tempo do espaço é a manifestação corpórea mais ou menos permanente de uma alma social largamente dinâmica. De maneira que o tempo é funcional, mas não apenas e o espaço é estrutural, mas não apenas.

Admite-se então que uma forma física se mantém não apenas pela solidez de suas paredes, mas também por sua significação social a qual pode desfazer-se por conjunturas emanantes da própria sociedade. E que a semântica perdida, pela ausência do conteúdo, determina não apenas o abandono do continente, como também alterações na *paisagem vizinhança*, virtualmente fechando círculos de recortes urbano-sociais.

A função que determinara a construção do prédio nos meados do século XX permaneceu no mesmo até o ano de 1996. Nessa data, o governo federal, por questões de segurança e de logística, transfere a função alfandegária para um prédio localizado na área central de Pelotas, na esquina das ruas Lobo da Costa e General Osório.

A sociedade pelotense do ocaso não era evidentemente a mesma da aurora do século XX e essas mudanças de ordem econômico-social vêm a refletirem-se nas mutações morfofuncionais das estruturas urbanas. Pois, conforme (SANTOS, 1991 p.72), “o espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, é a vida que palpita conjuntamente com a materialidade.”

Assim, na borda do Canal São Gonçalo ficou uma forma divorciada de suas precípuas funções. E desta maneira, sem atividades compatíveis com os usos demandados pela coletividade, o prédio da Alfândega teve suas portas fechadas, adentrando em uma condição de atrofia social, decorrente de um desuso que perduraria por uma década.

Porém hoje, encontra-se na pretérita forma uma presente função que lhe resgata a semântica social, pois as funções acadêmicas, naquele espaço urbano, não só se adéquam às atuais demandas logístico-administrativas da universidade, como principalmente recuperam o prédio reiterando-o no cotidiano de muitas pessoas e no desenho paisagístico da cidade.

4 CONCLUSÃO

A urbe e a vida urbana são respectivamente o palco e a atuação, de maneira que uma coletividade se expressa no tempo por meio das formas individualizadas que concebe e das funções sociais que espacializa.

Os lugares urbanos se constroem com tijolos de barro e de sonhos, pois são as demandas sociais que arquitetam as estruturas físicas, alicerçando toda uma natureza cultural e artificializada que muito bem caracteriza as cidades.

Esse complexo mecanismo da mutabilidade morfofuncional no meio urbano apresenta nuances gerais e específicas que precisam ser buscadas e compreendidas, sob pena de a sociedade até mesmo vir a ficar refém de imposições políticas, tornando-se os cidadãos seres em trânsito de lugares com os quais pouco, ou nada, se identificam.

E a geografia, por ser a ciência que associa os fatos referentes ao lugar, pode elucidar muitas questões atinentes a tal problemática.

Então, o entendimento acerca dos movimentos de forma e função nos espaços da sociedade, bem como a análise científica da paisagem, é condição primeira para o planejamento adequado e a gestão eficaz dos ambientes no meio urbano.

A pesquisa realizada no prédio da antiga Alfândega evidenciou um decorrido momento social, pois as formas fixadas na paisagem são hodiernas expressões de clamores do passado.

E a mudança de função, que converteu as “mesas de renda” de 1907 nas “salas de aula” de 2011, exemplifica como uma mesma edificação pode abrigar distintas funções no histórico transcursar de um tempo essencialmente social.

5 REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. (org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

VERDUM, Roberto. **Percepção da Paisagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

[http:// www.pelotasmemoria.com.br](http://www.pelotasmemoria.com.br) – acessado em 26/05/2011 às 17 h.